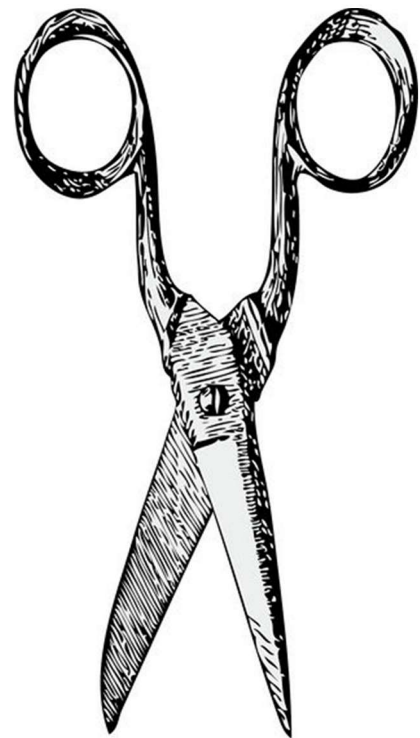


NOVAS NOTAS SOBRE O LESBIANISMO CHERYL CLARKE



"Lésbicas negras" soa formidável e intimidante. Bell Hooks (*Ain't I a Woman*, South End Press, 1981) não evitou a questão do lesbianismo negro no contexto de seus argumentos feministas por razões que ela nunca conseguiu explicar e que nós (lésbicas) conhecemos? "Lésbicas negras" - é forte e surpreendente. Alice Walker (*Black Scholar*, Fall, 1981), uma não-lesbica declarada, afirma que ela prefere, entre outros, o termo "mulherista" ao nome "lésbica". "Lésbicas negras" - soa como uma música do Thelonious Monk. Ultimamente, até eu tenho me questionado com essas perguntas sobre meu lesbianismo: Por que chamo a mim mesma de lésbica? Por que eu elevo com quem eu durmo para a política? Por que não busco uma política mais revolucionária - uma visão perversa polimorfa do mundo e da vida? "Saia da caixa de sapatos do lesbianismo." "Não seja tão amortecida na política estreita da preferência sexual." "Os rótulos são realmente necessários?" têm reverberado dentro de mim regularmente ultimamente.

Mulheres negras gostam de nomes bonitos. Lembra dos nomes das meninas negras em nossas vidas crescendo? Blossom. Queen Esther. Countess Peace. Floresta. Carleasa. "Lésbicas negras" certamente soa diferente. Que pessoa negra ou lésbica negra no Harlem, no South Side de Chicago, Atlanta, Newark, Brooklyn, L.A. pode se relacionar com Sappho ou a Ilha de Lesbos, onde se diz que as mulheres brancas migraram para se divertir e se tornar amazonas? Eu me pergunto se elas mantinham escravas lésbicas negras. Lesbos, como Alice Walker sugere em sua resenha *Black Scholar* de *Gifts of Power: The Writings of Rebecca Jackson (1795-1871)*, *Black Visionary* (edited by Jean M. Humez), não foi a origem de lésbicas. As lésbicas, como o povo negro, surgiram no que hoje é conhecido como Kongo, onde

a linguagem começou (assim, a facilidade das lésbicas negras para conversar, contar histórias e dar conselhos). Então, talvez, para as mulheres negras se chamarem de lésbicas seja anacrônico, já que as mulheres negras obviamente são lésbicas há mais tempo do que todas as mulheres, de acordo com Walker. Mas "mulherista" é mais viável? Não é o nome que a cultura dominante despreza, mas sim o ato... do lesbianismo, do mulherismo; a interdependência de mulheres e mulheres, a transa, a alimentação, os cheiros, os sucos, as vaginas que nossos inimigos desprezam. Se as mulheres negras nos nomeassem de algo mais neutro como "Azaléias Negras", outras mulheres negras estariam mais dispostas a se identificar com a política do vínculo feminino? Se nos chamássemos de "azaléias negras" em vez de "lésbicas negras", as mulheres negras estariam mais dispostas a identificar seu vínculo feminino como político? A comunidade negra estaria mais disposta a aceitar nossa definição, nosso nome? "Azaléias negras" – soa como uma música de Monk menos agourenta. "Azaléias Negras".

A crítica feminista negra Deborah McDowell (*Black American Literature Forum*, Winter, 1980, Vol.4, No.4, p. 153) problematiza "Towards a Black Feminism Criticism" (*Condition Two*, 1977, p. 54+), escrito pela feminista lésbica negra Barbara Smith, por sua falta de "precisão e detalhes": McDowell exige que Smith e outras como Smith que escrevem de uma - PASME!!! - perspectiva lésbica, fixem nossa estética na página ou as pessoas vão ficar confusas. Não apenas *Sula*¹, como Smith sugere, pode ser interpretada como - PASME!!! - um romance lésbico, também podemos ser capazes, com base nos critérios de Smith, de interpretar *Crane* de uma perspectiva lésbica, ou seja, que algumas escritoras que não são lésbicas podem ser interpretadas como promovendo uma estética ou ideologia lésbica inadvertidamente.

O termo "lésbica" tem sido difamado, degradado, e tornado sinônimo de doença. E feministas (lésbicas) têm resgatado e reivindicado ele como pessoas negras têm resgatado e reivindicado "negro" [black]. E "lésbica" *pode* significar "nigga"² (June Jordan, *Civil Wars*, Beacon Press, 1981, 0.12), especialmente se são lésbicas negras fazendo isso, especialmente se "nigga" significa mão de obra, preto

¹ Romance da escritora estadunidense Toni Morrison. [N.T.]

² Palavra que vem do termo pejorativo em inglês "nigger", usado originalmente por escravocratas para se referir às pessoas negras escravizadas. Apesar da ressignificação dada a palavra "nigga" por pessoas negras, ela ainda é usada de forma pejorativa por racistas. [N.T.]

louco, forasteiro, rebelde, trapaceiro, Ananci ou guerrilha. Mas se "*nigga*" significa "inconsciente, contínuo auto-ódio", como June Jordan profere em seu artigo de 1976 da *Ms.*, "A Declaration of Independence I Would Just As Soon Not Have" (Uma Declaração de Independência que eu não teria), reimpresso em *Civil Wars*, lésbica não é o equivalente a isto. É difícil acreditar que June Jordan deveria ter usado "*bulldagger*" na analogia se ela quisesse evocar o negativo de lésbica – pelo menos os termos "*nigga*" e "*bulldagger*" são equivalentes. E se ela ainda acredita realmente que "comportamento lascivo, explorador, superficial, atuante e patológico" é sinônimo de lésbica, então talvez June Jordan devesse descobrir mais sobre lésbicas. Busque algum equilíbrio, irmã!

Com quem se dorme é importante. Apenas é. A sexualidade não é um assunto neutro, pessoal ou privado. Só porque podemos mantê-lo privado, pessoal, fechado, reprimido, o mundo ainda gira em torno de quem dorme com quem e o poder implícito nisso. Quem quer que seja. Com quem se dorme nunca "não importa". As pessoas pensam constantemente em quem dorme com quem e onde. Se eu, uma declarada lésbica e feminista, dissesse que ainda durmo com homens, qual você acha que seria a resposta de minhas irmãs lésbicas-feministas? Se eu me assumir como lésbica nos vários grupos negros em que me encontro, não serei abominada? Se eu me rotular "bissexual", então quem confiaria em mim? Sendo assim, com quem se dorme é uma questão fundamental, porque o ato fala até onde alguém pode ir para perpetuar ou destruir o império. Como lésbica, feminista e "*nigga*", sou a favor da reestruturação radical de todos os sistemas – com quem quer que eu durma.

Economicamente, as lésbicas frustram o capitalismo - e quanto mais negra for a lésbica, mais ela deve tentar frustrar o capitalismo e mais ela o faz. Lésbicas ou mulheres que são "amantes" não se casam com a instituição da heterossexualidade exclusiva que se exprime sem pudor e sem vergonha a cada passo da nossa existência cotidiana como mulheres. Claro que as lésbicas são vitimizadas economicamente como todas as mulheres no capitalismo, mas existem ameaças adicionais à sobrevivência econômica e emocional das mulheres que são lésbicas - quer estejam "fora do armário" ou não. Podemos perder empregos, os nossos filhos, as nossas amantes, a nossa liberdade, as nossas vidas, porque somos lésbicas numa cultura homofóbica. Assim, muitas mulheres negras que amam mulheres odeiam

identificar-se como lésbicas. Algumas de nós sentem que não precisamos de outra "desvantagem", "atacam-nos... já somos negras". Ser uma lésbica negra não é fácil, e quanto menos classe média, menos elite burguesa a lésbica, mais difícil é. Há menos mecanismos na vida cotidiana e nas instituições que gerem as nossas vidas para lidar com a homofobia do que para lidar com o racismo ou o sexismo. As pessoas reconhecem o racismo e o sexismo como opressões legítimas. Muitas pessoas ainda sentem que o melhor remédio para a homossexualidade é amarrar a "bicha" na árvore mais próxima.

Eu me nomeio lésbica porque esta cultura oprime, silencia, e destrói lésbicas, mesmo lésbicas que não se intitulam lésbicas. Me nomeio lésbica porque quero ser visível para outras lésbicas negras. Me nomeio lésbica porque não subscrevo a heterossexualidade predatória/institucionalizada. Me nomeio lésbica porque faz parte da minha visão. Me nomeio lésbica porque quero estar com mulheres (e nem todas elas têm de se chamar lésbicas). Me nomeio lésbica porque ser identificada como mulher me manteve sã. Também me nomeio "negra" [*black*], porque negra é a minha perspectiva, a minha estética, a minha política, a minha visão, a minha sanidade.

Uma mulher não precisa estar dormindo com uma mulher ou mulheres para cultivar uma perspectiva lésbica. McDowell, Hooks, e Jordan, por exemplo, poderiam cultivar uma perspectiva lésbica. Tal cultivo poderia ser terapêutico para as suas atitudes anti-lésbicas. Qualquer mulher auto-determinada pode intitular-se lésbica se se tratar de se afirmar a si própria e a outras mulheres.

A questão do lesbianismo, como política, como uma forma de estar no mundo, como simples vida precisa ser falada, não de silêncio, não de subterfúgios, não de timidez. Sempre que encontro uma mulher negra, que vive em algum lugar no interior de South Jersey, que tem feito o seu caminho com uma mulher, em isolamento, no armário, cortada da comunidade, e que pensa ser a "*única*", torna-se cada vez mais claro o quanto as feministas negras auto-determinadas, as lésbicas-feministas negras precisam fazer algumas nomeações e reivindicações, no que diz respeito à nossa tradição de ligação entre mulheres, por exemplo, o *lesbianismo*.

Para este fim, gostaria de saber mais e escrever mais sobre a questão do lesbianismo negro. Se as mulheres negras têm problemas com o termo "lésbica",

então que termo podemos usar para nomearmos a nós próprias? Quero saber qual é a posição das mulheres negras sobre esta questão. Por favor escrevam-me suas percepções, sentimentos e opiniões sobre a palavra, "lésbica". Existe uma tradição de ligação entre mulheres na sua família? Eventualmente, gostaria de utilizar suas respostas num artigo sobre mulheres negras e ligação entre mulheres (lesbianismo).

Texto traduzido do periódico estadunidense
Onyx – Black Lesbian Newsletter, abril/maio 83

Disponível em:

<https://archive.org/details/glbths-periodicals-onyx-aprmay-83-001>

